

# Natércia Campos: acervo literário e presença da ausência

Margarida Pontes Timbó<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo objetiva difundir a escrita da autora cearense Natércia Campos e expor as atividades do seu fazer literário. A pesquisa é oriunda do trabalho de dissertação de mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC acerca dos manuscritos da referida autora e que estão disponíveis no Acervo do Escritor Cearense – AEC, situado na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida instituição de ensino superior. A investigação dos manuscritos da autora revelou todo o processo de leitura, pesquisa e escrita para a elaboração dos textos literários produzidos por Natércia. Trata-se de um estudo bibliográfico qualitativo fundamentado nos estudos de Berardinelli (1960), Silva e Costa (2022), Maciel (2008) que evidenciaram fatores relevantes para se pensar o labor ficcional do escritor literário. Os resultados apontam que Natércia Campos utilizou-se de memórias e de leituras para seu expressivo projeto estético. Portanto, espera-se que este trabalho ajude a divulgar mais o arquivo pessoal da autora cearense.

Palavras-chave: Natércia Campos; Escritora cearense; Leituras; Presença da ausência.

## Abstract

This article aims to disseminate the writing of the author from Ceará, Natércia Campos, and to expose the activities of her literary craft. The research stems from the master's dissertation carried out within the Graduate Program in Letters at the Federal University of Ceará (UFC), which focused on the manuscripts of the aforementioned author, available in the Ceará Writer Collection (Acervo do Escritor Cearense - AEC) housed in the Humanities Center Library at this higher education institution. The investigation of the author's manuscripts revealed the entire process of reading, research, and writing involved in the development of Natércia's literary texts. This is a qualitative bibliographic study based on the works of Berardinelli (1960), Silva and Costa (2022), and Maciel (2008), which highlighted significant factors for contemplating the fictional labor of a literary writer. The results indicate that Natércia Campos employed memories and readings for her significant aesthetic project. Therefore, it is hoped that this work will help further disseminate the personal archive of the author from Ceará.

Keywords: Natércia Campos; Writer from Ceará; Readings; Presence of absence.

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: [margarida\\_timbo@uvanet.br](mailto:margarida_timbo@uvanet.br).

## Introdução

Este trabalho objetiva difundir a escrita da cearense Natércia Campos e expor as atividades do seu fazer literário, a fim de manifestar como a pesquisa em acervos de escritores e o contato com seus arquivos pessoais geram experiências curiosas e interessantes para o pesquisador e professor de literatura.

Ao tomarmos contato com o acervo de um dado escritor e com a leitura de seus manuscritos, acabamos desmistificando certo sentimento ingênuo de que o autor é um ser demiúrgico, o qual necessita de inspiração para efetivamente criar um material artístico de qualidade. Dessa forma, a pesquisa em arquivos pessoais de escritores permite-nos a desconstrução dessa imagem, de modo que passamos a entender melhor que o labor com a palavra requer mais transpiração do que inspiração propriamente dita.

A discussão que ora apresentamos é proveniente do nosso trabalho de dissertação de mestrado intitulado *O sertão de papel de Natércia Campos: memória das Trindades*, realizado no período de 2009 a 2011, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC. Na ocasião, nos debruçamos sobre os manuscritos da referida autora, disponíveis no Acervo do Escritor Cearense – AEC, situado na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida instituição de ensino superior. Essa investigação dos manuscritos da autora revelou todo o processo de leitura, pesquisa e escrita para a elaboração dos textos literários produzidos por Natércia Campos. Além disso, em 2014, publicamos a pesquisa em formato de livro eletrônico pelas Novas Edições Acadêmicas. Contudo, este artigo que apresentamos é inédito e representa a continuação das nossas reflexões, leituras e estudo em torno do acervo da escritora.

Este trabalho se divide em duas seções: na primeira, apresentamos o percurso literário da autora cearense, seu acervo literário e arquivos de criação; na segunda discutimos a presença da ausência, que atravessa a escrita de Campos, e dissertamos sobre influências literárias. O debate mostra que, curiosamente, a escritora desconhecia o espaço geográfico do sertão nordestino, mas toda a sua obra abarca marcas expressivas, descrições, intertextos e imagens sobre o sertão que contribuíram para a formação de seu arquivo de criação. Tudo isso foi realizado graças ao intenso trabalho de leitura, pesquisa, anotações, correspondências com autores renomados da cultura nordestina e popular que acabaram por motivar seus escritos ao fazer com que a presença da ausência<sup>2</sup> pulsasse nos textos de Campos.

A pesquisa bibliográfica de viés qualitativo fundamentou-se em Berardinelli (1960), Silva e Costa (2022) e Maciel (2008), que proporcionaram fatores relevantes para pensarmos o trabalho ficcional do escritor literário.

Em síntese, notamos o quanto Natércia utilizou-se de memórias e de leituras para seu expressivo projeto estético. Portanto, desejamos que este trabalho ajude a divulgar mais o arquivo pessoal dessa autora cearense.

---

2 Noção a ser trabalhada mais adiante no artigo.

## Natércia Campos: escritora cearense e seu acervo literário

Conforme diz o ditado popular brasileiro: “filho de peixe, peixinho é”, assim podemos entender o percurso profissional da ficcionista cearense Natércia Campos, que passeia do insólito ao fantástico, igualmente à produção de seu pai, professor e renomado contista cearense, Moreira Campos.

Nas Letras, a referida escritora acabou seguindo o mesmo caminho paterno: antes de se firmar como romancista, Natércia adotou o conto como seu gênero literário inicial, arquitetando sua escrita por meio de um projeto que envolveu atividade de pesquisa exaustiva. Dessa forma, a nossa pesquisa no acervo literário da escritora possibilitou a investigação sobre o seu processo de criação artístico, reunindo a rede de referências, vivências e ausências que se tornam visíveis ao confrontar o texto literário com documentos pertencentes ao arquivo pessoal da referida escritora. Sendo assim, concordamos com Maria da Glória Bordini, quando esclarece que:

*No caso dos acervos ou arquivos literários, a função veritativa, aquela que atesta a verdade da prova documental e que permite a confiabilidade das inferências dela retiradas para a compreensão e interpretação da literatura, é facilitada pelo próprio fato da escrita, como elemento primeiro do documento literário<sup>3</sup>.*

Pela consulta ao acervo literário de Natércia percebemos os primeiros passos na prática literária, compreendendo o acervo como espaço privilegiado da memória cultural. Vimos no processo de criação da escritora cearense o quanto era habitual o desenvolvimento de inúmeras leituras diárias, anotações e pesquisas que motivaram o seu interesse pela cultura popular e pelo sertão, fundamentais elementos de suas narrativas. Seu primeiro conto intitula-se *A escada* (1985) e seu último escrito é o romance contemporâneo de cunho fantástico *A Casa* (1999), que trazem elementos da cultura sertaneja bem marcados.

A publicação do primeiro texto da escritora ocorreu no suplemento literário do jornal *O Povo* e o segundo, *A Escada*, em 1987, recebeu o primeiro prêmio no 2º Concurso Literário do Banco Sudameris, outorgado pela Academia Botucatuense de Letras. Esse conto foi publicado na coletânea de contos *Quem Conta um Conto*, na *Revista de Letras*, v.1 e no *Almanaque de Contos Cearense*. Segundo a pesquisadora Elisabete Sampaio Alencar Lima<sup>4</sup>, essas informações constam no currículo da escritora, porém sem data e sem título da colaboração.

No ano seguinte, 1988, a escritora foi premiada pela IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira com o livro de contos intitulado *Iluminuras*. Segundo Maciel, os contos

---

3 BORDINI, M. da G. Acervos literários e filologia. In: **Matérias da memória**. [on line]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, p.67. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/230327/001132062.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 out. 2024.

4 LIMA, E. S. A. **A casa [manuscrito]**: arquitetura do texto uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza(CE), 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3450>. Acesso em: 26 dez. 2022.

trazem enredos com tons suaves de impressionismo, e o ambiente cultural possui acentuada cor de medievalismo. Para o referido crítico, trata-se de extenso e simbólico medievalismo, ainda muito presente no sertão nordestino:

*O cemitério, a cruz, as ervas, o mosteiro. Ambiente povoado de personagens antigos: o ferreiro, o fazedor de selas e arreios, o fabricante de armadilhas e gaiolas, monges, penitentes. Nada de sertões, romarias de Padre Cícero, devotas de todos os santos<sup>5</sup>.*

Outros contos da escritora fazem parte de antologias, como, por exemplo, a narrativa curta *O Jardim* (1990), publicada em *Antologia do Conto Cearense* (1990). Em *Letras ao Sol – Antologia da Literatura Cearense* (1998) foi publicado o conto *Eles* (1998). A escritora também participa de alguns periódicos, como *O Talento Cearense em Contos* (1996), contribuindo com o conto *Penitentes* (1996).

Após *Iluminuras*, a autora publicou os livros *A Noite das Fogueiras* (1998) e um relato de viagem a Portugal e Espanha intitulado *Por Terras de Camões e Cervantes* (1998). O contato com a região Norte do Brasil inspirou-lhe o livro *Caminho das Águas* (2001), mas podemos dizer que a viagem mais significativa foi aquela que guiou o seu único romance *A Casa* (1999). Esse passeio pelo sertão nordestino – orientado por muitas leituras, entre elas os escritos de Câmara Cascudo e de Oswaldo Lamartine – possibilitou o projeto estético do referido romance. Entre suas predileções de leitura da infância à vida adulta podemos destacar:

*[...] Monteiro Lobato, os irmãos Grimm e Perrault e as estórias de sua velha Bá. Sempre Moreira Campos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Gustavo Barroso, Guimarães Rosa, Jorge Medauar, Gabriel García Marquez, José Saramago e o grande farol de sua vida literária, Luís da Câmara Cascudo<sup>6</sup>.*

Em 1991, Natércia Campos integrou o grupo literário “Poesia Plural” que se tratava de uma cooperativa formada por 18 escritores cearenses cujo objetivo foi primeiramente discutir poesia. A prosa poética da escritora foi bem aceita pelos demais membros do grupo.

Em 1998, a escritora recebeu o prêmio Osmundo Pontes de Literatura pelo romance *A Casa*, inclusive adaptado para o teatro. No ano seguinte, foi agraciada com o Prêmio Ideal Clube de Literatura, pelo conto *Voos*.

Campos era membro da Academia Cearense de Letras e foi eleita por unanimidade, em 2002. Recebida pelo poeta Artur Eduardo Benevides, ocupou a cadeira número 6, cujo patrono é Antônio Pompeu de Sousa Brasil. Participou da Academia Fortalezense de Letras da Sociedade Amigas do Livro.

Em 2004, *A Casa* foi incluído na lista do vestibular da Universidade Federal do Ceará – UFC. A partir disso, ela passou a ser conhecida não apenas como contista, assumindo lugar de relevo como romancista e garantindo sua presença nas Letras cearenses.

5 MACIEL, N. **Contistas do Ceará: D'A quinzena ao caos portátil**. Fortaleza: Imprence, 2008, p.213.

6 CAMPOS, N. **A Casa**. Prefácio de Sânzio de Azevedo; Posfácio de Jorge Medauar. 3. ed. Fortaleza: Imprece, 2011, p.14.

Contudo, a escritura de Natércia Campos se diversifica da de seu genitor Moreira Campos, sendo um dos fatores de diferenciação o fato de que se mantém fortemente marcada por memórias, leituras e pela ideia da “presença da ausência” que vigora também na poesia de Fernando Pessoa.

A pesquisadora Cleonice Berardinelli<sup>7</sup> identificou a “presença da ausência” nas produções do referido poeta português e compreende-a como a própria “poesia pura”, em que a consciência do fazer poético gera um complexo, um paradoxo, ou seja, o poeta português, de modo geral, demonstra como atitude poética sentir saudades de algo que não viveu. Isso se dá de tal modo na escrita de Natércia Campos, visto que ela sentiu saudades de vivências não vividas em um espaço que ela não conheceu, isto é, o espaço do sertão nordestino. De acordo com Leonardo Luiz Silveira da Silva e Alfredo Costa:

*A presença da ausência. A prima facie, parece uma conclusão simples, mas subjazem a ela questões cruciais da interpretação geográfica que passam pela forma de percepção e interpretação do espaço e pelas relações entremeadas da experiência, do espaço e do tempo<sup>8</sup>.*

Dessa forma, ao relacionar a falta de vivência em torno do espaço geográfico, a presença da ausência se manifesta como elemento social, cultural, geográfico, psicológico e filosófico, pois envolve a aproximação entre homem e mundo. Ademais, circunda

*O anúncio de uma visão integrada entre o ser, o espaço e o tempo; isso significa que cada ser acumula suas experiências em espaços e tempos específicos. A consolidação filosófica dessa noção permite, inter alia, flexibilizações de nossas manifestações etnocêntricas a partir da compreensão de que cada ser é portador de uma excepcionalidade mundana<sup>9</sup>.*

Nesse sentido, como sujeito social, cada escritor manifesta sua subjetividade e suas percepções sobre os lugares representados no mundo. Sendo assim, acreditamos que a presença da ausência permite a intelectualização da sensação em torno de um lugar que Natércia Campos não conheceu, exceto pelas leituras, pesquisas e conversas realizadas. Essa intelectualização, no caso específico da escritora cearense, se fez por meio de atividade intensa e dedicada de leituras e de pesquisa. Aliás, podemos dizer que os grandes autores, do Modernismo à contemporaneidade, especialmente na literatura brasileira, manifestaram essa atividade ou comportamento em parcela de seus escritos, como, por exemplo, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, que se interessavam por pesquisas que desen-

---

7 BERARDINELLI, C. A presença da ausência em Fernando Pessoa. In: **Ocidente**, Lisboa, nº 59, p.309-317, 1960.

8 SILVA, L. L. S. da; COSTA, A. A presença da ausência: um paradoxo geográfico. **Geosp**, v. 26, n. 2, e-195614, ago. 2022. ISSN 2179-0892. p.4 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/195614>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2022.195614.pt>. Acesso em: 3 nov. 2024.

9 Ibidem.

volveram seus projetos estéticos e os arquivos de criação de suas obras. Pressupomos que isso se deu com o intuito de expurgar sensações no tecido literário a respeito de espaços desconhecidos, mas capazes de produzir a ideia da presença da ausência em suas produções escritas independente do gênero textual.

Um dado curioso na produção escrita da autora consiste no fato de ela interessar-se pelas atividades obsessivas de leitura e de pesquisa no seu processo de criação e que fortaleceram seu imaginário em torno do espaço do sertão nordestino, conduzindo a ideia da presença da ausência em torno de um ambiente tão caro a sua curiosidade. No seu percurso como escritora são fundamentais as fontes em que a autora buscou suas histórias, as memórias recuperadas, as leituras realizadas, a ouvinte atenta, as correspondências trocadas e as viagens imaginárias empreendidas.

*Por estranho que pareça tenho saudades de coisas que não vivi nestes sertões, pois fui menina nascida e criada em praia, na nossa praia de Iracema. Tenho fascínio por cheiro do mato, de terra molhada, de gado, de café torrado em alguidar de barro – “café donzelo”, de assistir ao repiquete de um rio, aboios soltos na hora do Angelus, quando os sinos distantes da matriz tocam nos campanários as Trindades, e o sereno cai, trazendo seus malefícios. [...] Curioso é que este mundo não vivido acalento dentro de mim, como uma recordação antiga, de velhas histórias contadas à luz das lamparinas<sup>10</sup>*

Esse sensacionismo a que se refere Natércia Campos encara a consciência como forte elemento à configuração da literatura e do fazer poético, assim caracterizando o seu delineamento como escritora cearense. Segundo Linhares Filho (1998), tal atitude se apresenta também no perfil poético de Fernando Pessoa, principalmente, no livro *Páginas íntimas e de auto-interpretação* (1966), em que o crítico destaca as três fases do projeto criativo do poeta:

*1) a sensação puramente real; 2) a consciência da sensação, que dá a esta sensação um valor, e, portanto, um cunho estético; 3) a consciência dessa consciência da sensação de onde resulta uma intelectualização de uma intelectualização, isto é, o poder de expressão<sup>11</sup>.*

A cearense Natércia Campos era dotada de forte poder de expressão escrita, sobretudo porque evidenciou notável responsabilidade intelectual e sensibilidade aguçada, afinal possuía muita consciência no labor com a palavra escrita quando trazia à tona suas memórias individuais e de leitora. A forma como sentia as vivências e as transpunha para o papel de maneira ficcional evidenciam para o leitor de seus escritos a sinestesia, a poesia e o sentimento de beleza que há em sua prosa poética e que perdura até hoje. O poeta modernista Mário de Andrade, também grande crítico de arte, argumentava em sua obra *O Banquete* que um artista não deveria nunca ter uma estética, mas sim uma “estesia”, porque a estesia evidencia a capacidade de perceber o sentimento de beleza que há na vida e de transpor esse sentimento para o papel.

10 CAMPOS, N. *Iluminuras*. Fortaleza: Premius, 2002, p.11-12.

11 LINHARES FILHO. *A modernidade da poesia de Fernando Pessoa*. Fortaleza: EUFC, 1998, p.23-23.



*O artista não precisa nem deve ter uma “estética”, enquanto esta palavra implica uma filosofia do Belo inteirinha, uma organização metódica e completa. Mas si não deve ter uma estética, o artista deve sempre ter uma estesia. Uma estética delimita e atrofia, uma estesia orienta, define e combate. A arte é uma doença, é uma insatisfação humana: e o artista combate a doença fazendo mais arte, outra arte. “Fazer outra arte” é a única receita para a doença estética da imperfeição [...] [sic]<sup>12</sup>.*

Igualmente compreendemos a estesia na produção escrita de Natércia Campos. Assim, temas atrelados ao insólito ou ao fantástico transitam por sua obra de maneira delicada, memorialística e sobretudo poética. Acreditamos que essa recorrência ao fantástico se deu em virtude não só de um contato mais pessoal com esse tipo de literatura, pois seu pai era um dos mestres do gênero nas Letras cearenses, mas também depõe a favor de uma autoria que sentiu a permanência de imagens e de encontros mesmo que verdadeiramente não vivazes, contudo, frequentes pelo viés poético e pela sensação.

Para entendermos a presença da ausência em Natércia Campos cumpre-nos destacar uma característica singular em sua trajetória: ela não viveu no sertão, ou seja, não conheceu as subjetividades, as mazelas e as dores do povo sertanejo, que sofre à espera da chuva e sonha com a fartura, estigmatizado pelos estereótipos criados acerca de sua cultura, linguajar, peculiaridades de ser e do espaço de sua região geográfica. Admiravelmente, o perfil da escritora cearense acaba mostrando que ela sentia falta de tudo isso que não viveu; de tudo que não foi possível sentir com o toque, mas apenas imaginar e experimentar por meio dos livros e do contato com os amigos nordestinos e sertanejos que possuíram forte influência para suas atividades de investigação como pesquisadora. Trechos de seus livros de contos podem ser encontrados em cartas a amigos e parentes, comprovando que as correspondências colaboram para seu arquivo de criação e para gerar a ideia de presença da ausência.

Dessa maneira, podemos dizer que a escritora conseguiu descrever o mundo do sertanejo e suas particularidades, principalmente devido às muitas leituras que realizou e à sensibilidade para gozar de um mundo real que não experimentou, mas que foi capaz de construir como objeto de fruição para si e para o seu leitor.

Em duas correspondências que encontramos em seu arquivo pessoal comprovamos a presença da ausência em Natércia Campos. Isso se mostra como importante elemento do processo de criação artística, afinal

*Os textos em livro, ou em manuscritos ou datiloscritos, encontráveis nos acervos de escritores, permitem a expansão das possibilidades de recuperação de obras perdidas ou prejudicadas pelo tempo, a aproximação à melhor edição de um título, à oficina de criação dos autores e à compreensão mais fundamentada do patrimônio literário de uma comunidade ou sociedade<sup>13</sup>.*

---

12 ANDRADE, M. de. **O Banquete**. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.60.

13 BORDINI, op. cit., p.71.

Com nossa investigação nas correspondências da autora, percebemos que ela se sentiu atraída pelo ambiente do interior cearense, sobretudo, pelo cheiro do café torrado, pelo “café feito em alguidar de barro”, o “café donzelo” dos sertões nordestinos. Assim também, Natércia relatou em carta ao amigo Gilson muitas das delícias de vivenciar o cotidiano dos lugarejos do interior nordestino, as coisas que aprendeu em suas viagens pelo sertão e as lembranças que ela possuía de sua terra, dos causos, as histórias de casas mal-assombradas que ouviu, entre outras ocorrências, nas palavras da autora enunciadas na carta lemos as seguintes informações:

*Às vezes, tenho saudades de coisas que não vivi, nestes nossos sertões, pois fui menina nascida em praia. Tenho fascínio por cheiro de mato, de terra molhada, de gado, de assistir o repiquete de um rio, aboios soltos na hora sagrada das Trindades [...]”<sup>14</sup>.*

Visualizamos que o trecho acima é bastante similar àquele que aparece no livro *Iluminuras* e transcrito anteriormente neste trabalho. Vemos um jogo de sinestesia e de memórias manifestados nas correspondências como parte de um arquivo de criação, como veículo de comunicação e de evocação da memória, com o propósito de recordar o que a escritora não viveu pela experiência de vida, mas sim pela experiência de leitura, que também é vida. De acordo com a carta ao amigo, Natércia enuncia: “Às vezes, Gilson, imagino que dentro de mim existem estas vivências e que as surpreendo quando as escrevo. É realmente um mundo de magias estes nossos ‘pensares e sonhos”<sup>15</sup>.

Segundo Umberto Eco, “[...] a lembrança é a construção de um novo perfil de excitação neuronal. [...] recordar é reconstruir, com base também no que soubemos ou dissemos tempos depois”<sup>16</sup>. A carta escrita por Natércia é longa, contém duas folhas nas duas faces, cada folha está numerada em algarismo romano: I, II, III, IV. De acordo com o pesquisador Leopoldo Comitti,

*As cartas já trazem em si problemas de leitura inerentes a seu próprio processo de escrita. Apesar de, em tese, serem manifestações textuais privadas, jamais foram tratadas estritamente como tais. Entre remetente e destinatário surge sempre a sombra de um terceiro leitor (muitas vezes plural) que, mesmo alijado pelos mais diversos mecanismos de controle, acaba sempre deixando suas marcas pelo texto, sob a forma de recursos discursivos. Por vezes, a presença dessa sombra tem boa acolhida por parte do remetente. Adquire até mesmo o estatuto de público leitor, não apenas como destinatário tangencial, mas como destinatário real e qualificado”<sup>17</sup>.*

Assim sendo, quando Natércia diz na carta ao amigo que sente saudades do que não viveu, ela demonstra suposta ação da memória real, associando aspectos do

---

14 Trecho de correspondência transcrito do Acervo Pessoal da Escritora.

15 Ibidem.

16 ECO, U. **A misteriosa chama da rainha Loana**: romance ilustrado. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.30.

17 COMITTI, L. Questões de autoria. In: **Fronteiras da Criação**: [anais] do 6º Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000, p.200.



mundo real a aspectos do irreal desejado, que ajudam em sua composição. Quando Natércia, remetente da epístola, enuncia que “gostaria que esta chegasse a você por mão própria. Você me fez conhecer o valor que é um ‘nordestino receber notícias e encomendas de sua gente distante’. Tudo tão nosso, simples e bom [...]”<sup>18</sup>, observamos como sua memória afetiva é acionada. Assim também, evidenciamos experiências de leituras sensitiva, emocional, mas absolutamente racional, porque refaz percursos apreendidos pela memória.

Então, as complexidades dessas experiências de criação se fazem presentes tanto na citação de Comitti (2000), quanto nas palavras da própria escritora, transcritas de sua correspondência pessoal, bem como nos textos literários que ela criou, os quais pintam o retrato do real e do irreal, do possível e do provável, do vivido e do imaginado. Dessa maneira, entendemos que existe um anseio sugerido pelo inexistente como experiência, porém vivaz pelo imaginado, conforme a própria autora sugere em seus escritos.

Além disso, a escritora fez uso da imaginação livre e criadora, que lhe permitiu dotar de verossimilhança seus textos literários. Na apresentação do seu livro de contos *Iluminuras*, ela esclarece que:

*Escrevi esses contos com singular emoção, sentindo o encadeamento, o entrelaçar de mundos paralelos: os descobertos pela imaginação, instigada e povoada por leituras de autores que narravam tempos idos e vividos e os da minha memória ancestral, povoada por minhas bisavós e avós portuguesas, casadas com homens andeijos, descobridores dos caminhos do mar e desbravadores de terras*<sup>19</sup>.

Em seus contos aparecem diversos personagens surpreendentes como rezadeiras, loucos, visionários, pessoas deformadas, mulheres, crianças, seres encantados e seres mitológicos. No livro *Noite nas Fogueiras* e no romance *A Casa além dos tipos* citados é comum a presença de velhos, crianças, mulheres solitárias e depressivas, pescadores e contadores de história. Todas essas figuras da ficção foram reformuladas e recriadas por uma experiência sensível de leitora e de pesquisadora, pela presença da ausência que circunda o seu íntimo, o seu duplo, o seu outro.

Comumente, os temas de suas narrativas são o ambiente medieval (misturado ao sertão nordestino e ao universo rural) e o ambiente marítimo, tornando presente a dualidade homem e espaço em muitas das histórias.

Ambos – mar e herança medieval – alimentam a cultura popular nordestina e sertaneja como as crendices, as superstições, a religiosidade, a medicina; os “causos”, as lendas, o enigma e o mistério. Novamente, dizemos que tudo isso foi resgatado de leituras capazes de guiar a presença da ausência, elemento bastante simbólico no arquivo de criação da escritora.

---

18 Trecho de correspondência transcrito do Acervo Pessoal da Escritora.

19 CAMPOS, 2002, p.12.

Natércia demonstrava fascinação por um tipo de leitura que primava pelas histórias de magias, assombrações, acalantos, descrições de elementos da cultura popular, contos fantásticos, os quais lhe permitiram criar alguns personagens típicos. Essas imagens inclusive figuraram na prosa poética de *A Casa*, conforme citamos a seguir:

*A mulher que fora aguar as plantas do jardim encontrou mortas as rosas de todo o ano, as de cacho e a trepadeira do jasmim. As flores que continuaram a brotar emaranharam-se às antigas ervas e estas rebentaram em profusão seus verdes. Surgira o insubmisso jardim de tia Alma<sup>20</sup>.*

Pelo fragmento, o leitor atento consegue inferir que foi uma alma penada a pessoa quem destruiu o jardim da casa. Observamos assim a forma como a escritora imagina sua casa narradora-personagem, isto é, como mais uma das casas mal-assombradas que permeiam o imaginário da literatura, porém com suas particularidades e peculiaridades, pois graças ao suicídio de um dos personagens o ambiente do lar se tornará mal-assombrado e fincará força na lembrança de muitas gerações.

Na próxima seção, abordaremos com mais detalhes a forma como se dão essas relações consideradas influências, aspectos intertextuais, intersubjetivos e dialógicos vívidos na autoria, evidenciando movimentos da leitura à escrita.

## Influências na presença da ausência

Ao nos depararmos com os inúmeros livros, revistas e manuscritos no acervo literário e no arquivo pessoal de Natércia Campos nos questionamos: qual ou quais autor(es) teria(m) de fato lhe inspirado no seu trabalho artístico com a palavra? Quais livros teriam lhe influenciado ou ajudado a produzir seus textos de maneira a evidenciar a presença da ausência? Sabemos que tanto ficção quanto história são discursos que dão sentido ao passado, à medida que produzem sistemas transformadores dos acontecimentos, principalmente, por meio da imaginação livre e criadora do escritor. Por isso, é importante tentar fazer associações que levem aos possíveis caminhos da escritura de um determinado autor. Na opinião do escritor Nilto Maciel:

*Não se sabe a origem das obras literárias: como nascem, se formulam. Fala-se em missão, destino, vocação, dom, inspiração. Talvez haja sido as fadas as inspiradoras de Natércia Campos. Com a ajuda de Herculano, Grimm, Perrault, Moreira Campos. Seja como for, o conjunto de seus contos de fadas, o seu fadário, o seu destino é ser Natércia Campos<sup>21</sup>.*

Natércia foi além das influências que pôde ter. Vale lembrar que entendemos como influências literárias tudo aquilo que não poderia ter existido caso o autor não tivesse lido a obra ou o texto verbal e não verbal que o precedeu; são movi-

---

20 CAMPOS, 2011, p.82.

21 MACIEL, op. cit., p.214.

mentos involuntários e, até certo ponto, inconscientes, mas nunca vazios ou inocentes, portanto, intertextos, interdiscursos e diálogos que mantêm relações mais profundas e que caracterizam o sentimento poético da presença da ausência com relação ao espaço geográfico do sertão.

As influências se manifestam como intrusões no ser do escritor, porque acabam se modificando durante o processo de construção de uma dada obra. Nesse caso, não foi diferente com Campos: embora ela prime pela criação artística, recrie as leituras relevantes que fez por meio das pesquisas bibliográficas, essas investigações e leituras foram fundamentais para a produção de muitos de seus textos, sobretudo do seu romance. Tudo isso promoveu diálogos de sua obra com a de outros autores, fazendo com que Campos se constituísse como escritora-pesquisadora, pois sua obra dialoga com os textos de Câmara Cascudo e Oswaldo Lamartine, por exemplo. Muitos são os escritores considerados pesquisadores e que também recorrem a diálogos com ficcionistas e autores das mais variadas áreas do saber, por exemplo: 1) Machado de Assis, caracterizado pelo professor João Cezar de Castro Rocha, como “autor águia” e “autor-matriz”, “cuja obra pela própria complexidade, autoriza uma pluralidade de leituras críticas”<sup>22</sup>; e 2) Clarice Lispector; 3) Guimarães Rosa; 4) Thomas Mann, entre outros autores da literatura universal, brasileira e contemporânea. A respeito de Thomas Mann, Cecília Almeida Salles salienta que

*Thomas Mann (2001, p.111) oferece um ótimo exemplo dessa pesquisa bibliográfica, enquanto escrevia Dr. Fausto. Conta que leu A lenda do Fausto: livros populares, teatro popular, teatro de marionete, tormentos infernais e livros de magia de J. Scheible (1847). Diz ter encontrado nessa maçuda antologia de manifestações do tema popular, todas as considerações imagináveis sobre o tema do Fausto, como o ensaio de Görres, sobre o aspecto mágico da lenda, o exorcismo de espíritos e a aliança com o Mal. Nesse caso, vemos a necessidade de conhecer o que já tinha sido feito sobre o tema que pretendia desenvolver em seu romance*<sup>23</sup>.

Além disso, as pesquisas de um dado escritor se tornam interessantes para entendermos o próprio autor, as influências e a mentalidade de seu tempo, ou seja, também falam do individual e do coletivo, logo, seu arquivo pessoal figura como um lugar de memória. Salles acrescenta que “as pesquisas passam a ser mais um meio condutor de diálogos externos, que trazem para dentro do processo outras vozes, muitas vezes chamadas de influências”<sup>24</sup>. Assim, para a referida professora, os diálogos existentes nas obras dos escritores não devem ser vistos como falta de originalidade, mas sim como meio de valorizar o labor artístico e suas inúmeras conversas, interdiscursos e intertextos.

---

22 ROCHA, J. C. de C. **Machado de Assis**: por uma poética da emulação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.25

23 SALLES, C. A. **Redes de Criação**: ruas e escritórios. 2.ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2008, p.44.

24 Ibidem.

Sendo assim, os diálogos promovidos entre a literatura de Campos e a de outros escritores podem ser um nível de amadurecimento intelectual, que ocorre de maneira natural e não uma mera influência, pois “a diversidade de referências constitui a trama de que é feita a história de cada artista”<sup>25</sup>.

O fato de Natércia ter escolhido para personagem, espaço e narradora de seu único romance uma casa sertaneja demonstra a recorrência às suas fontes de pesquisa e de leitura, as quais rememoram as velhas contadoras de história e “causos”. Além disso, depõe a favor da presença da ausência em torno do espaço do sertão nordestino. A narradora, personagem principal de seu romance, trata-se de um velho recinto que tudo vê e tudo ouve, mas relata somente o que cabe em sua memória. A casa, como símbolo do sagrado, tornou-se elemento presente na cultura popular nordestina e no imaginário individual da própria escritora cearense, motivada por presenças, ausências e influências literárias, como podemos visualizar na própria descrição que a narradora-personagem do romance faz de si:

*Tenho o pé direito bem alto, o que ajuda muito os ventos na sua missão de arejo. As arcadas contíguas das salas da frente são sustentadas por pilares e paredes de duas vezes, guarnecidas de faixas de madeira e vedadas com pedras sossa, barro, cal e areia. Nas paredes externas, na altura da cintura de um homem, haviam sido feitos buracos grossos, como um cabo de enxada, que as atravessavam enviesados em toda a sua espessa largura. Ficavam abertos só pelo lado de fora. Iriam ter estas brocas serventia para a defesa, em caso de cerco, já que por estas aberturas as balas do bacamarte de chispa acertariam os invasores em lugar mortal. O longo e escuro corredor entremeado de altas portas liga os vários quartos divididos pelas indiscretas e devassadoras paredes-meias que tudo ouvem e revelam. São elas feitas de adobe de palha, secados ao sol e, após o cozimento, houve emboço de cal para receber a argamassa grossa a fim de torná-la mais resistentes. Construíram um muro alto, largo, revestido de massa ligada a sangue de boi. Nesse tempo não sabia eu que paredes e muros não deteriam as iniquidades perpetradas dentro dos meus domínios. Separados de mim e mais próximos ao muro fizeram outros compartimentos onde em um deles guardariam arreios, relhos, cangalhas, bridas e selas em cavaletes presos por cordas de couro-cru aos caibros, a lembrar estranhos cavaleiros sem cabeça. Do alto desciam cordas, com bandas de cuias perfuradas, para que os ratos não descessem das telhas atraídos pelo sebo passado nestes encouramentos a fim de não ressecarem.*<sup>26</sup>

Observamos tanto pela descrição da estrutura da casa quanto pelo lirismo presente na enunciação da narradora-personagem, o quanto predomina a imagem da típica casa sertaneja, cuja família, detentora de posses, preocupa-se em recolher a madeira adequada para a estrutura, como também prevenir-se contra possíveis invasões. Trata-se, portanto, de um elemento arquitetônico assertivo de

---

25 SALLES, op. cit., p.44.

26 CAMPOS, 2011, p.24-25.

muitas particularidades para a cultura sertaneja. Contudo, apenas imaginado pela presença da ausência de uma pesquisadora intensa como foi Natércia Campos.

Em síntese, com a nossa investigação no acervo literário, pudemos considerar que a escritora cearense foi tocada ou motivada por leituras, contatos e vivências humanas revelando em seus escritos, leituras, intertextos, influências e a presença da ausência que se fez por meio de percepção sensível, erudição e de trabalho árduo.

## Considerações finais

A discussão apresentou breve leitura da produção ficcional da escritora cearense Natércia Campos, com base nas manifestações peculiares de sua conduta como leitora, investigadora e pesquisadora da cultura nordestina e sertaneja. Esses fatores se tornaram cruciais para o fazer literário dessa autora, conforme evidenciou a experiência de investigação proporcionada pelo acesso que tivemos ao acervo literário e ao arquivo pessoal da autora.

Nessa perspectiva, examinamos como a escrita sensível e atenta foi capaz de perscrutar, dialogar e sensibilizar, porquanto Campos se mostrou motivada pela atividade de pesquisa e de escrita, especialmente de mulheres que utilizam de sua imaginação, de suas anotações e de escritos para se fazerem notáveis dentro e fora dos espaços da academia. Esperamos que o artigo contribua para a divulgação acerca do acervo literário, do arquivo pessoal da autora e de sua produção literária.

## Referências

- ANDRADE, Mário de. **O Banquete**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- BORDINI, Maria da Glória. Acervos literários e filologia. In: **Matérias da memória**. [on line]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/230327/001132062.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 26 out. 2024.
- CAMPOS, Natércia. **Iluminuras**. Fortaleza: Premium, 2002.
- CAMPOS, Natércia. **A Casa**. Prefácio de Sânzio de Azevedo; Posfácio de Jorge Medauar. 3. ed. Fortaleza: Imprece, 2011.
- BERARDINELLI, Cleonice. A presença da ausência em Fernando Pessoa. In: **Ocidente**, Lisboa, n° 59, p.309-317, 1960.
- COMITTI, Leopoldo. Questões de autoria. In: **Fronteiras da Criação**: [anais] do 6° Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.
- ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**: romance ilustrado. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, Elisabete Sampaio Alencar. **A casa [manuscrito]**: arquitetura do texto uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza(CE), 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3450>. Acesso em: 26 dez. 2022.

LINHARES Filho. **A modernidade da poesia de Fernando Pessoa**. Fortaleza: EUFC, 1998.

MACIEL, Nilto. **Contistas do Ceará: D'A quinzena ao caos portátil**. Fortaleza: Imprence, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de Criação: ruas e escritórios**. 2.ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; Costa, Alfredo. A presença da ausência: um paradoxo geográfico. **Geosp**, v. 26, n. 2, e-195614, ago. 2022. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/195614>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2022.195614.pt>. Acesso em: 3 nov. 2024.

TIMBÓ, Margarida. **O sertão de papel de Natércia Campos: memória das Trindades**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3475>. Acesso em: 26 jul. 2023.